

A biblioteca literária anglófona de Guimarães Rosa

Profa. Dra. Maria Eulália Ramicelli¹ (UFSM)

Resumo:

Na biblioteca de João Guimarães Rosa, encontram-se muitas obras literárias e de áreas afins à literatura, em inglês. Em boa parte delas, Rosa deixou marcas visíveis de sua leitura. Assim, a partir do levantamento descritivo da extensa marginália roseana, meu objetivo central é mapear os interesses de Guimarães Rosa enquanto leitor dessas obras.

Palavras-chave: Guimarães Rosa como leitor, biblioteca roseana, literatura em língua inglesa

Introdução

Em sua entrevista a Günter Lorenz (1991. pp.62-97), em 1965, João Guimarães Rosa afirma, ao discorrer sobre sua capacidade de fabulação e seu manejo particular do código linguístico:

Escrevo e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como o usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto vou escrevendo, eu traduzo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. (...) (1991. p.70)

Tal afirmação é igualmente válida para Guimarães Rosa enquanto leitor na medida em que a extração “de muitos outros idiomas” compreende a assimilação criativa, em diferentes níveis, do conteúdo da obra estrangeira, segundo objetivos próprios. Com efeito, a marginália roseana permite perceber que Rosa-leitor configura-se como Rosa-pesquisador, isto é, um leitor que se mostra atento à forma como outros escritores elaboraram seus universos ficcionais, discutiram e/ou trabalharam temas de seu interesse e empregaram o idioma inglês para alcançar expressividade literária. Rosa, contudo, não foi um mero observador da produção alheia, pois em vários momentos registrou expressões e neologismos criados durante a leitura. A impressão que se tem é que Guimarães Rosa vivia um processo contínuo de inventividade da linguagem sendo o momento da leitura um estímulo à prática dessa habilidade.

A biblioteca em língua inglesa de João Guimarães Rosa compreende obras propriamente literárias (romances, peças de teatro, coletâneas de conto e poesia) e obras pertencentes a áreas afins da literatura, tais como o ensaio, o relato de viagem e a própria *Bíblia*, por ser texto de reconhecido teor literário¹. Note-se, porém, que esse conjunto de obras em língua inglesa não corresponde absolutamente a todas que Rosa lera ao longo da vida. Suzi Frankl Sperber (1976. pp.16-7) já afirmara que Rosa se desfez de livros com frequência e leu livros emprestados de amigos e bibliotecas. Benedito Nunes (2006. p.237), por sua vez, ao rememorar um encontro com o escritor em 1967, quando Guimarães Rosa pediu-lhe para opinar sobre um dos prefácios do ainda inédito *Tutaméia*, observa que, enquanto esperava-o ler, Rosa “abriu o *Herzog* de Saul Bellow, em tradução portuguesa”, livro que não consta dessa biblioteca. Nesse sentido, compreende-se a não correspondência entre a marginália encontrada nas obras de Shakespeare e a anotação de Guimarães Rosa sobre a *Odisséia* em seu caderno de estudo sobre Homero, que teria sido elaborado no final de 1950. Conforme Ana Luiza Martins Costa informa (nov.1997-abr.1998. p.51), Rosa estabeleceu, em suas notas, uma relação entre um verso da *Odisséia* e outro de *The Tempest*; no entanto, essa peça

¹ A biblioteca de João Guimarães Rosa integra o acervo comprado à família do escritor, em 1973, pelo Instituto de Estudos Brasileiros/USP.

não está anotada nos dois exemplares presentes na biblioteca: *The Complete Works of William Shakespeare* (adquirido em 1947) e *Four Great Comedies: A Midsummer Night's Dream, As You Like It, Twelfth Night, The Tempest* (publicado em 1948). Há que se considerar ainda a possibilidade de esta marginália não apresentar, de modo completo, as notas feitas por Guimarães Rosa durante a leitura dessas obras. De qualquer modo e apesar das ressalvas, o estudo da marginália roseana certamente permite apreender aspectos significativos do aproveitamento dessas obras por Guimarães Rosa e, por conseguinte, de uma faceta de sua formação como escritor.

Este texto tem, como ponto de partida, o levantamento descritivo da marginália roseana² e como propósitos: 1) divulgar essa biblioteca em língua inglesa de Guimarães Rosa, através da apresentação do conjunto de obras que a compõe (vide anexo abaixo) e da discussão sobre a relação estabelecida pelo autor com essas obras, através da marginália; 2) mapear o registro dos interesses de Guimarães Rosa através da análise do material coletado por ele na tradição (canônica e não-canônica) e na produção literária contemporânea em língua inglesa com vistas a um posterior estudo de seu possível aproveitamento em sua própria obra.

1 A marginália roseana

Analisar as notas de leitura de Guimarães Rosa nessas obras é tarefa de certa complexidade, pois, apesar de bastante numerosa, a marginália é frequentemente lacônica. Rosa registrou seu interesse e sua atenção em determinadas passagens basicamente através de grifos e traços. Escreveu bem pouco e, quando o fez, foi extremamente sintético, pois anotou principalmente palavras que destacam imagens e assuntos presentes em determinada passagem ou expressões por ele criadas no calor da leitura. Tais expressões são normalmente encabeçadas pelo conhecido sinal **m%** com que Rosa assinalava apropriação, em diferentes níveis de formulação, do texto alheio (COSTA, nov.1997-abr.1998. pp.51-2): “**m% = as abelhas de Shelley**” (em *The Albatross Book of Living Verse*, a partir de poema de Percy Bysshe Shelley); “**m% = maior salto de contraste**” (em *La Croisière du “Cachalot”* de Frank Thomas Bullen); “**m% bode barbudo**”, “**galo músico (m% chocado em sexta-f. da P)**”, “**m% galinha da carne preta**”, “**m% = KYAÇASSA**”³ (em *Viagens aos planaltos do Brasil: 1868* de Sir Richard Francis Burton); “**m% = a solidão amável/amorável**” (em *Selections from Man Against Nature; Tales of Adventure and Exploration*).

Trata-se de um tipo de anotação que dificulta, em vários casos, a inferência do que teria motivado Rosa a destacar essa ou aquela passagem. Seu posicionamento frente ao que lê é expresso, no máximo, através de pontos de exclamação e interrogação. Por conseguinte, a marginália roseana nem sempre permite recuperar, com a clareza desejável, Guimarães Rosa enquanto leitor e, por tabela, entender seu interesse por uma narrativa ou autor em particular. Por exemplo, em *Dubliners*, de James Joyce, Rosa anotou com poucos grifos o conto “An Encounter”. É difícil apontar o que teria chamado sua atenção nesses trechos grifados, mas um deles (aqui em negrito) pode ter sido destacado por sugerir o poder magnético da fala. Assim, a conversa com um desconhecido causa a seguinte impressão no narrador (um menino que cabula um dia de aula junto com um colega): “(...) *He gave me the impression that he was repeating something which he had learned by heart or*

² Fiz esse levantamento de 1992 a 1993, como pesquisa de Iniciação Científica, sob a orientação da Profa. Dra. Sandra Vasconcelos (Letras/USP) e com bolsa da FAPESP, e ainda devia um tratamento crítico do material coletado. O fato de hoje ser possível apresentar este texto, que constitui uma primeira etapa da análise dessa marginália, mais de dez anos depois da realização daquela pesquisa, indica que a biblioteca em língua inglesa de Guimarães Rosa continua a ser um universo desconhecido assim como são ainda desconhecidas suas potencialidades para contribuir para o conhecimento da formação de Rosa como escritor.

³ Essa criação de Guimarães Rosa é claramente sugerida pelo comentário do próprio Burton (1941. p.306) sobre a cachaça: “‘Cachaça’ ou ‘Caxaça’, a ‘cachass’ dos estrangeiros é a ‘tafia’ dos escritores franceses, bela palavra propositadamente abandonada, como a espanhola ‘tortilla’ que quer dizer ‘bolo’. É a genebra, a ‘kwass’ do Brasil. (...)”.

*that, magnetised by some words of his own speech, his mind was slowly circling round and round in the same orbit. (...)*⁴ (JOYCE, 1954. p.31).

De qualquer modo, apesar de concisa, a marginália de Guimarães Rosa permite perceber seu inequívoco interesse por certas obras que, não por acaso, apresentam maior número de anotações. Essa relação mais intensa de Rosa com o texto lido vem expressa pela combinação de traços, grifos e sinais para destacar uma mesma passagem. É o que ocorre, por exemplo, neste trecho de *Viagens aos planaltos do Brasil: 1868*, de Sir Richard Francis Burton, livro que traz bastante informação sobre localidades e o modo de vida rural de Minas Gerais. Com caneta azul, Rosa destacou com traço vertical, acompanhado de ponto de exclamação, esta passagem que contém parte grifada (aqui em negrito):

No Brasil, as cidades fundadas pelos eclesiásticos ocupam as melhores posições: montes e elevações dominando belos panoramas. Os leigos preferiam as terras baixas, perto do ouro e da água. Teve Câmara municipal em 1791, sob o governo do famoso infame (...) (BURTON, 1941. p.146).

É interessante notar a correspondência entre essa informação fornecida por Burton, sobre fatores que influenciaram a fundação de cidades brasileiras, e a passagem no conto “Minha gente” (*Sagarana*, 1946), em que, em meio à longa e última descida para alcançar o “umbigo de taça” onde está a fazenda de tio Emílio, o narrador-personagem pergunta ao seu guia:

- Por que não fazem as casas em lugar alto, José Malvino?
- Sim senhor, seu doutor, bem bom que era. Mas dava um trabalhão pr’a se carrear água lá p’ra riba... Nesses altos, a gente pode campear, que aguada não se acha nenhuma, não senhor. (ROSA, 1984. p.203)

Como esse excerto já se encontra na primeira versão do conto em *Sezão* (1937), pode-se supor que Guimarães Rosa teria se surpreendido ao encontrar tal informação, talvez por ele intuída ou obtida via conhecimento popular, no relato desse viajante inglês oitocentista. Informação que, no contexto da narrativa, contribui para construir o estranhamento desse narrador-personagem, habituado à vida na cidade, com relação ao meio rural e, por extensão e tão significativamente quanto, com relação à sua prima Maria Irma por quem ainda se considera apaixonado.

2 Alguns aspectos reveladores da marginália roseana

As obras que receberam anotação mais numerosa de Guimarães Rosa são: a *Bíblia* (especificamente os evangelhos de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João, pertencentes ao “Novo Testamento”); *Viagens aos planaltos do Brasil: 1868*, de Sir Richard Francis Burton; *Le Grand Trek*, de Edward F. Stuart G. Cloete; *Tales of Hearsay*, de Joseph Conrad; *Horse Under Water*, de Len Deighton (basicamente tiques ao lado de parágrafos); *The Complete Essays and Other Writings of Ralph Waldo Emerson* e *Les Pages Immortelles de Emerson*; *Ulysses*, de James Joyce; *Melmoth: L’Homme Errant*, de Charles Robert Maturin; *Fontaine*, de Charles Langbridge Morgan; *Three Time-Plays*, de John Boynton Priestley (especialmente a peça *I Have Been Here Before*); *The Complete Works of William Shakespeare, Five Great Tragedies: Romeo and Juliet, Julius Caesar, Hamlet, King Lear, Macbeth*; *Four Great Comedies: A Midsummer Night’s Dream, As You Like It, Twelfth Night, The Tempest* (especialmente em comentários sobre e no próprio texto da peça *Romeo and Juliet*); *The Ides of March*, de Thornton Niver Wilder; *Zane Grey Western Award Stories*.

No que diz respeito ao trabalho expressivo com a linguagem, encontrado no texto lido ou desenvolvido por Guimarães Rosa durante a leitura, resalto, em primeiro lugar, o destaque dado

⁴ “Ele me deu a impressão de **que estava repetindo algo que ele havia decorado ou que, magnetizado por algumas palavras de sua própria fala, sua mente girava lenta e continuamente na mesma órbita.**” (esta e as demais traduções são de minha autoria, salvo quando indicado de outro modo)

em *Ulysses* a algumas expressões idiomáticas, em que sonoridade e expressividade semântica se entrelaçam (exemplo: “cool as cucumber”, “God made the food, the devil the cooks”), e a uma palavra composta criada por Joyce para expressar simultaneidade de ações: “Davy Byrne **smiledyawnednodded** all in one”. Já a leitura de *Tales of Hearsay*, de Joseph Conrad, parece ter funcionado para Guimarães Rosa como meio de estudo da pronúncia de palavras em inglês e, principalmente, da capacidade expressiva dos léxicos inglês e alemão, pois, ao grifar várias palavras, Rosa anotou a tradução para o alemão ou um sinônimo em inglês, possivelmente para testar a força semântica desses vocábulos. Assim, ele escreveu “**luck**” [sorte] acima de “prosperity” e “**misery**” [sofrimento] acima de “adversity”, sugerindo, respectivamente, vocábulos de maior ambigüidade e negatividade semântica a partir da frase: “Not that we were ever very good at calculating, either in prosperity or in adversity.”⁵ (CONRAD, 1925. p.87). Também chama atenção uma criação sua a partir da raiz da palavra inglesa grifada (aqui em negrito) em “There was Captain Ashton, **florid** and jovial, in a large white waistcoat and with a yellow rose in his buttonhole; (...)” (CONRAD, 1925. p.200). Na margem inferior da mesma página, Rosa escreveu “**flórico flórer floril**”, um registro que revela o constante processo de criação lingüística de Guimarães Rosa com o objetivo de encontrar novas possibilidades expressivas para a língua portuguesa.

Quanto às áreas temáticas, o contexto rural é realmente privilegiado por Rosa, especialmente no que diz respeito à relação estabelecida entre o homem (via de regra, vaqueiro), bois e cavalos. Daí a farta marginália no romance *Le Grand Trek* de Cloete e na coletânea de contos intitulada *Zane Grey Western Award Stories*. Nesta coletânea norte-americana, Guimarães Rosa anotou extensivamente duas narrativas: em “Dust on the Big Hat”, de S.Omar Barker, chamaram-lhe atenção alguns vocábulos específicos como “cow horse” e o neologismo “horsonal opinion”, além de uma longa passagem em que o narrador descreve a condução de duas mil cabeças de gado ao longo de um canyon, com detalhes sobre o movimento dos animais e sobre o estouro da boiada, impossível de ser contido pelos vaqueiros que, com sorte, salvaram a própria vida. Mas é a narrativa “Bad Penny” de Bertha M.Bower que recebeu maior atenção. Nela, destaca-se a paisagem empoeirada por onde seguem vaqueiros e gado de modo que o narrador chega a descrever o avanço da boiada com esta imagem grifada por Rosa: “rippling sea of dusty, marching cattle”⁶. Guimarães Rosa também fez leitura bastante atenta (dada a profusão de traços e grifos, além da nota “**Estouro**” para destacar o assunto) de uma longa passagem em que é descrita a atividade de vigilância noturna do gado. Descrição em que há inclusive o emprego de expressões onomatopaicas para expressar os sons e ruídos produzidos pelos vaqueiros durante sua ronda: “whisper of saddle leather” e “faint rattle of bridle chains”. Nessa cena, ressalta a função tranquilizante, para o gado, do canto noturno dos vaqueiros e a perplexidade destes quando os animais começam a acordar no meio da noite ao pressentirem o estouro de outra boiada que se assusta com a tempestade que se forma. Passagens como essa mostram a atenção de Guimarães Rosa a formas de composição de cenas de grande expressividade quanto à experiência do homem do campo, especialmente daquele que tem sua vida atrelada à lida com o gado. Portanto, é possível concluir que a força das cenas e dos cenários rurais presentes na obra de Guimarães Rosa advêm tanto de sua experiência pessoal, enquanto alguém que nasceu e nunca se desligou desse meio, como também do trabalho cuidadoso com a linguagem. Para tanto, o estudo da produção literária de escritores, como os aqui citados, teria contribuído para o processo de criação de Rosa da representação literária do sertão mineiro. Como Antonio Candido já destacara, na análise cuidadosa do espaço geográfico, aparentemente tão realista na obra de Guimarães Rosa, sobressai a construção formal de um espaço fictício que atende a uma demanda interna da narrativa roseana em que estado da alma e mundo natural entrelaçam-se sensivelmente:

Começamos então a sentir que a flora e a topografia obedecem freqüentemente a necessidades da composição; que o deserto é sobretudo projeção da alma, e as

⁵ “Não que fôramos algum dia muito bons em calcular, seja na prosperidade ou na adversidade.”

⁶ “mar ondulado de gado empoeirado, em marcha”

galas vegetais simbolizam traços afetivos. Aos poucos vemos surgir um universo fictício, à medida que a realidade geográfica é recoberta pela natureza convencional. (CANDIDO, 1991. p.297)

Guimarães Rosa também anotou com frequência passagens em textos literários e ensaísticos que tratam de questões místicas, especificamente quanto à interpretação mística de eventos ocorridos no plano material da vida humana; passagens que tratam da morte e de sua relação com o amor e a consciência do fluxo da vida; passagens que defendem o sonho e a imaginação, em detrimento da razão, como canais de compreensão da realidade. Nesse ponto, vale ressaltar a seguinte anotação de Guimarães Rosa na peça *I Have Been Here Before*, de John Boynton Priestley, para expressar sua discordância quanto a um dos personagens. Com lápis verde, Rosa destacou com colchetes a fala do personagem em questão e, ao lado desse sinal, desenhou, com caneta preta, três pequenos rostos tristonhos, um em cima do outro: “FARRANT: *But you’re not going to blame me for preferring knowledge and judgement to guesswork?*”⁷ (PRIESTLEY, 1947. p.253). A esse tema liga-se o interesse de Guimarães Rosa por textos que tratam da capacidade especial dos loucos, dos amantes e dos poetas de alcançar um entendimento mais profundo do mundo que os rodeia. Nesse sentido, é digna de nota sua leitura anotada de *Romeo and Juliet* (em *The Complete Works of William Shakespeare*) e do texto crítico sobre essa peça em *Five Great Tragedies: Romeo and Juliet, Julius Caesar, Hamlet, King Lear, Macbeth*. O trecho mais anotado por Rosa é justamente a famosa cena do balcão em que Romeu e Julieta trocam juras de amor. De modo geral, contudo, Rosa destacou, por um lado, passagens em que há trabalho lingüístico elaborado através de trocadilho (uma característica da dramaturgia shakespeariana) ou de construção de rimas internas em versos e ao longo de estrofes (Rosa chega a escrever “**RIMA**” para realçar um verso na fala de Mercúcio em que o personagem instiga Romeu a fazer rimas para ajudá-lo a sair do torpor romântico em que se encontra)⁸. Destaque-se, a propósito, uma elaboração do próprio Guimarães Rosa, anotada na margem superior da página em que se encontra o seguinte verso com a expressão grifada (aqui em negrito): “Come hither, cover’d with an **antick face**” (ato 1, cena 5). A partir dessa expressão, Rosa brinca com a relação entre sonoridade e grafia e faz um trocadilho: “**antick face = anti faz**”.⁹ Retomando aquela idéia da leitura como motivação para a prática criativa de Rosa, é interessante encontrar, em “Famigerado” (*Primeiras Estórias*), algo semelhante na fala do valentão Damázio, mas aqui com a dupla função de caracterização desse personagem e de criação de tensão narrativa. Assim, Damázio viaja longa distância procurando quem lhe explique o significado da palavra que dá título ao conto e com a qual ele havia sido chamado (ou ofendido? Essa a sua suspeita) por um “moço do Governo”. Ao chegar à casa do doutor (narrador-personagem), consegue finalmente tirar sua dúvida: “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familias-gerado...?*” (ROSA, 1988. p.15).

Por outro lado, em *Romeo and Juliet* Guimarães Rosa destacou passagens relacionadas a certos temas e imagens: sonho, amor, a relação entre primavera e juventude, e, mais curioso ainda, a projeção de sentimentos no sol e na lua. A curiosidade vem do fato de Guimarães Rosa ter escrito “**MINHA GENTE**” ao lado do verso em que Romeu, ao ver Julieta no balcão, compara-a ao “sol”: “*Arise, fair sun, and kill the envious moon,*” (ato 2, cena 2)¹⁰. Ora, o desfecho do conto “Minha gente” é marcado pela transição do narrador-personagem de um estado de tristeza e desalento, por

⁷ “FARRANT: Mas você não vai me culpar por preferir conhecimento e bom senso a conjectura?”

⁸ O verso em questão é: “Cry, but ‘Ay me!’ couple but, ‘love’ and ‘dove’;” (ato 2, cena 1).

⁹ Vale notar que Rosa transferiu o neologismo “antifaz” para uma lista de estudo de vocabulário registrada no caderno número 23.

¹⁰ A frase completa de Romeu é a seguinte: “Arise, fair sun, and kill the envious moon,/Who is already sick and pale with grief/That thou her maid art far more fair than she.” Tradução em prosa: “Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, por ter visto que, como serv[o], és mais formos[o] que ela.” (Fonte: *Romeu e Julieta*. <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 03 de agosto de 2008).

se considerar desprezado por Maria Irma, a quem julgava amar, a um estado de euforia e esperança pela descoberta de um novo amor (atente-se, a propósito, para as rimas internas às frases):

Mais sofri, todavia, porque lua havia, uma lua onde cabiam todos os devaneios e em que podia beber qualquer imaginação. Da varanda, eu espiava um pedaço, dado ao luar, de ar claro; (...)

Pulei do banco, e gritei de alegria. (...) O dia ficou, de repente, o mais bonito e bendito. (...) (ROSA, 1984. pp.233, 235)

A comparação das versões de “Minha Gente” em *Sezão* e em *Sagarana* mostra que Guimarães Rosa promoveu alterações significativas nesse conto já para a primeira edição de *Sagarana*, em 1946. Por exemplo, Rosa criou a personagem Armanda e desenvolveu o desfecho, no qual incluiu uma quadra popular que retoma a metáfora do sol e da lua e remete àqueles versos de Romeu grifados na cena do balcão. Assim, embora a atenção às datas mostre ser temerário afirmar que Rosa teria se inspirado no texto de Shakespeare durante a reformulação de “Minha Gente” para *Sagarana*, uma vez que não se pode alegar que ele teria lido a peça, pela primeira vez, nessa edição de *The Complete Works of William Shakespeare*, obtida em 01 de junho de 1947 segundo nota de próprio punho, a anotação do título do conto nesse trecho de *Romeo and Juliet* certamente indica que Guimarães Rosa estabeleceu um diálogo (mais ou menos consciente) com a peça de Shakespeare.

Conclusão

Conforme procurei mostrar, através da análise da marginalia pode-se mapear assuntos e áreas de predileção de Guimarães Rosa enquanto leitor dessas obras em língua inglesa. Muitos dos assuntos aqui ressaltados já foram várias vezes apresentados por críticos no que diz respeito, principalmente, à análise dos cadernos de estudos. Contudo, penso que essa marginalia permite perceber, de modo especial, como o processo criativo é complexo tanto no que se refere ao tempo de sua ocorrência (durante a leitura de obras de outros autores, por exemplo) como aos fatores que podem promovê-lo e instigá-lo.

Também considero importante assinalar que o estudo da marginalia não deve visar uma comparação direta com a ficção de Guimarães Rosa na tentativa de encontrar em suas narrativas um uso evidente desse material por ele destacado nessas obras. O próprio Rosa aponta a improdutividade de tal abordagem ao responder à pergunta de Benedito Nunes sobre a localização exata, nos diálogos de Platão, de uma passagem transcrita em grego em “Cara-de-bronze” (*No Urubuquaquá, no Pinhém*):

Não seria capaz de lhe dizer agora. Vou lendo os filósofos e transcrevendo nos meus cadernos o que deles me interessa, e que poderá fazer parte de uma história, como a que recolho da boca das pessoas. Nada tenho de um erudito. Não cito, mas absorvo. Aquelas palavras que você referiu (...) são mesmo do filósofo grego, tal como registro em minha novela. No entanto, posso contrafazer um texto ou um trecho de Platão. Nem os especialistas em história da filosofia poderiam distingui-los sem hesitação dos verdadeiros. (2006. p.241)

Por conseguinte, interessa principalmente atentar para o potencial sugestivo dessa marginalia quanto ao processo de apropriação desses textos por Guimarães Rosa, uma vez que suas anotações podem sugerir novos caminhos interpretativos da ficção roseana.

Anexo: Obras e escritores de língua inglesa presentes na biblioteca literária de Guimarães Rosa

Para os autores, indico país de origem e datas de nascimento e morte, quando foi possível localizar tais informações; para as obras, a data de publicação desse exemplar e, em havendo, a data de sua aquisição por Guimarães Rosa (como compra ou presente) da seguinte forma: “GR: (data)”

Anthologie de la Poésie Anglaise (1947)

Anthology of Canadian Poetry (1942)

A Venetian Garland: Poems in Praise of Venice Selected (s.d.)

BELLOW, Saul (Canadá, 1915-2005): *Seize the Day* (1956)

Bíblia: *The Holy Bible* (s.d.); *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ* (1932); *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ* (s.d.)

BISHOP, Jim (James Alonso “Jim” Bishop, Estados Unidos, 1907-1987): *Le Jour où le Christ Mourut* (1957; GR: 1960, presente de Chaximo)

BORROW, George (Inglaterra, 1803-1881): *Lavengro* (1948; GR: 13/12/1851, presente de Paulo Rónai)

BULLEN, Frank Thomas (Inglaterra, 1857-1915): *La Croisière du “Cachalot”* (1950)

BULWER-LYTTON, Edward Earle (Inglaterra, 1803-1873): *Les Derniers Jours de Pompéi* (1949)

BURTON, Sir Richard Francis (Inglaterra, 1821-1890): *Viagens aos planaltos do Brasil: 1868* (1941)

CADAXA, A.B.M. (?): *Earthquake at Delphi* (1966; GR: 23/09/1966)

CHAUCER, Geoffrey (Inglaterra, 1340-1400): *Dos Cuentos de Canterbury* (1958)

CHRISTIE, Agatha M.C. (Inglaterra, 1891-1976): *Der Rote Kimono: Kriminal Roman* (1955 – trata-se de *Murder on the Orient Express*)

CLARK, Graves Glenwood (Estados Unidos, 1894-1967): *Os Estados Unidos através do conto* (1958)

CLOETE, Edward F. S. G. (sul-africano nascido na França, 1897-1976): *The Turning Wheels* (1946); *Le Grand Trek* (1946: a mesma obra em tradução francesa)

COLERIDGE, Samuel Taylor (Inglaterra, 1772-1834): *The Golden Book of Coleridge* (s.d.)

CONRAD, Joseph (Polônia, 1857-1924): *Tales of Hearsay* (1925); *Typhon* (1948)

COOPER, James Fenimore (Estados Unidos, 1789-1851): *The Last of the Mohicans* (1962); *The Prairie: A Tale* (1964)

CUNNINGHAM, E.V. (pseudônimo de Howard Melvin Fast; Estados Unidos, 1914-2003): *Penélope* (1966)

Declaration /by/ Lindsay Anderson /et al/ (1957)

DEIGHTON, Len (Inglaterra, 1929-): *Horse under Water* (1963)

DICKENS, Charles (Inglaterra, 1812-1870): *Aventuras do Sr. Pickwick* (s.d.); *A Christmas Carol* (s.d.)

DODGSON, Charles L. (codinome: Lewis Carrol; Inglaterra, 1832-1898): *Alice in Wonderland and Other Favorites* (1951)

DOYLE, Arthur Conan (Inglaterra, 1859-1930): *The Case-Book of Sherlock Holmes* (s.d.); *The Land of Mist* (1926); *The Lost World* (s.d.); *The Maracot Deep and Other Stories* (1929)

DURRELL, Lawrence (Índia, 1912-1990): *Balthazar* (1960); *Clea* (1960)

ELIOT, Thomas Stearns (Estados Unidos, 1888-1965): *The Cocktail Party: A Comedy by T.S.Eliot* (1950; GR: 1951, presente de Chico Barbosa); *Old Possum's Book of Practical Cats* (1940; GR: 24/8/1949, presente de "Beatnshka")

EMERSON, Ralph Waldo (Estados Unidos, 1803-1882): *The Complete Essays and Other Writings of Ralph Waldo Emerson* (s.d.); *Les Pages Immortelles de Emerson* (1947)

FORSTER, Edward Morgan (Inglaterra, 1879-1970): *A Passage to India* (1957)

GALLICO, Paul William (Estados Unidos, 1897-1976): *Jennie* (1950)

GALSWORTHY, John (Inglaterra, 1867-1933): *The Forsyte Saga* (s.d.; GR: 29/04/1940)

GARNETT, David (Inglaterra, 1892-1981): *Lady into Fox & A Man in the Zoo* (1947; GR: 1955, presente)

Ghost Stories (1939; GR: 14/06/1939)

GIBRAN, J. Kahlil J. (Líbano, 1883-1931): *The Prophet* (1956; GR: 14/08/1960, presente de "[ilegível] e Celina")

GRAU, Shirley Ann (Estados Unidos, 1929-): *The Black Prince and Other Stories* (1954)

GRAVES, Robert Ranke (Inglaterra, 1895-1985): *I, Claudius: From the Autobiography of Tiberius Claudius Emperor of the Romans, Born B.C.10, Murdered and Deified A.D.54* (1941); *Moi Claude Empereur, Autobiographie de Tibère Claude Empereur des Romains* (1939)

HUGHES, Richard A.W. (Inglaterra, 1900-1976): *A High Wind in Jamaica* (1949; GR: Dezembro de 1949)

IRVING, Washington (Estados Unidos, 1783-1859): *The Sketch Book (Le Livre D'Esquisses)* (s.d.)

JAMES, Montagne Rhodes (Reino Unido, 1862-1936): *Thirteen Ghost Stories* (1935)

JOYCE, James (Irlanda, 1882-1941): *Dubliners* (1954); *Ulysses* (1962); *Ulysses* (1939)

KIPLING, Rudyard (Índia, 1865-1936): *A Choice of Kipling's Prose* (1952); *The Five Nations* (1903); *Indian Tales* (s.d.; GR: 27/06/1937); *Just So Stories for Little Children* (dois exemplares: s.d., 1949); *Kim* (s.d.; GR: 15/06/1938); *L'Homme qui voulut être roi* (1947); *Le livre de la jungle* (1948); *La plus belle histoire du monde* (1946); *Le retour d'Imray* (1926); *Les batisseurs de Ponts* (1946); *Les plus beaux contes* (1947); *The light that failed* (1913); *Mais ceci est une autre histoire* (1930); *The Second Jungle Book* (s.d.); *Le second livre de la jungle* (1947); *The Seven Seas* (1897); *Something of Myself for My Friends Known and Unknown* (1938); *The Vampire and Other Verses* (s.d.)

LAWRENCE, David Herbert (Inglaterra, 1885-1930): *St.Mawr; The Princess: Two Novels* (1935)

LAWRENCE, Thomas Edward (codinome: Lawrence da Arábia; País de Gales, 1888-1935): *Les sept piliers de la sagesse (Seven Pillars of Wisdom): um triomphe* (1949)

LEA, Tom (Estados Unidos, 1907-2001): *The Brave Bulls* (1949)

LONDON, Jack (nome verídico: John Griffith London; Estados Unidos, 1876-1916): *South Sea Tales* (s.d.)

MARSH, D.E.Ngaio (Nova Zelândia, 1899-1982): *Overture to Death* (1943)

MATURIN, Charles Robert (Irlanda, 1782-1824): *Melmoth; L'homme errant* (1954; GR: 18/02/1957, presente do embaixador Carlos Martins)

MAUGHAM, William Somerset (inglês nascido na França, 1874-1965): *Cosmopolitans: Very Short Stories* (1937)

- MELVILLE, Herman (Estados Unidos, 1819-1891): *Moby Dick or The Whale* (s.d.); *Moby Dick* (1948 – tradução francesa); *Moby Dick* (1957 – tradução brasileira)
- MILNE, Alan Alexander (Inglaterra, 1882-1956): *The Red House Mystery* (1946)
- MORGAN, Charles Langbridge (Inglaterra, 1894-1958): *Fontaine* (1957)
- MURRY, Kathleen B. (Katherine Mansfield; Nova Zelândia, 1888-1923): *Lettres de Katherine Mansfield* (1948)
- New World Writing, 14; Stories, Poetry, Essays, Drama* (1958)
- One Hundred Modern Poems* (1949)
- POUND, Ezra L. (Estados Unidos, 1885-1972): *Cantares* (1960)
- PRIESTLEY, John Boynton (Inglaterra, 1894-1984): *Three Time-Plays: Dangerous Corner, Time and the Conways, I Have Been Here Before* (1947)
- PROCTER, Adelaide Anne (Inglaterra, 1825-1864): *Legends and Lyrics* (19-)
- RAWLINGS, Marjorie Kinnan (Estados Unidos, 1896-1953): *Cross Creek* (1942; GR: 09/09/1969, presente de Alfred Hower)
- RUNYON, Damon (Estados Unidos, 1884-1946): *The Best of Damon Runyon* (1938)
- SCHREINER, Olive (África do Sul, 1855-1920): *Dreams* (1903)
- Selections from Man Against Nature; Tales of Adventure and Exploration* (1954)
- SHAKESPEARE, William (Inglaterra, 1564-1616): *The Complete Works of William Shakespeare* (s.d.; GR: 01/06/1947); *Five Great Tragedies: Romeo and Juliet, Julius Caesar, Hamlet, King Lear, Macbeth* (1939); *Four Great Comedies: A Midsummer Night's Dream, As You Like It, Twelfth Night, The Tempest* (1948); *Hamlet* (1896); *Macbeth* (1961; GR: 1961, presente de [Manuel] Bandeira)
- SHAW, George Bernard (Irlanda, 1856-1950): *Dear Liar: A Comedy of Letters* (1960)
- SHELLEY, Mary Wollstonecraft (Inglaterra, 1797-1851): *Frankenstein* (1933; GR: 14/06/1939)
- SPARK, Muriel S. (Escócia, 1918-2006): *The Mandelbaum Gate* (1965)
- STERNE, Lawrence (Irlanda, 1713-1768): *Voyage Sentimental a Travers de la France et l'Italie* (1934)
- STEVENSON, Robert Louis B. (Escócia, 1850-1894): *The Great Short Stories of Robert Louis Stevenson* (1951); *L'Ile au trésor* (1948); *Treasure Island* (1939)
- SWIFT, Jonathan (Irlanda, 1667-1745): *Gulliver's Travels* (1957)
- SWINBURNE, Algernon Charles (Inglaterra, 1837-1909): *Italian Cities* (1926)
- TENNYSON, Alfred Tennyson (Inglaterra, 1809-1892): *The Poetical Works of Alfred Tennyson* (1864)
- The Albatross Book of Living Verse: English and American Poetry from the Thirtieth Century to the Present Day* (1933)
- The Pocket Book of Verse: Great English and American Poems* (1940)
- The Pocket Reader* (1941)
- THOREAU, Henry David (Estados Unidos, 1817-1862): *Walden or Life in the Woods* (s.d.)
- Twelve Very Short Stories by Modern Authors* (1948)

WAUGH, Evelyn Arthur St.John (Inglaterra, 1903-1966): *Wine in Peace and War* (s.d.)

WELLS, Herbert George (Inglaterra, 1866-1946) *The Country of the Blind and Other Stories* (s.d.); *L'Ile de l'Aepyornis* (1929)

WILDER, Thornton Niven (Estados Unidos, 1897-1975): *The Ides of March* (1948; GR: 1948); *Le Pont du Roi Saint-Louis* (1948); *A Ponte de São Luiz* (1946; GR: 29/05/1946, presente de Sylvia Póvoas); *En Voiture pour le Ciel* (1949)

WILLIAMS, James Howard (?): *Bandoola* (1953; GR: 1955, presente de Beata)

WILLIAMSON, Henry (Inglaterra, 1895-1977): *Tarka the Otter: His Joyful Water – Life and Death in the Country of the Two Rivers* (1937)

WILSON, Colin Henry (Inglaterra, 1931-): *Ritual in the Dark* (1961)

Zane Grey Western Award Stories (1951)

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) *Guimarães Rosa*. 2.ed. Rio de Janeiro, 1991. pp.294-309. [Coleção Fortuna Crítica].

COSTA, Ana Luiza Martins. Rosa, leitor de Homero. *Revista USP: Dossiê 30 anos sem Guimarães Rosa*. São Paulo: USP, n.36, novembro 1997-abril 1998. pp.47-73.

Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) *Guimarães Rosa*. 2.ed. Rio de Janeiro, 1991. pp.62-97. [Coleção Fortuna Crítica].

MARQUES, Oswaldino. O repertório verbal. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.) *Guimarães Rosa*. 2.ed. Rio de Janeiro, 1991. pp.101-112. [Coleção Fortuna Crítica].

NUNES, Benedito. O autor quase de cor: lembranças filosóficas e literárias. *Cadernos de literatura brasileira: João Guimarães Rosa*. São Paulo, n.20 e 21, dezembro 2006. pp.236-244.

ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. 28.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Primeiras Estórias*. 26.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1988.

SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades/SCCT, 1976.

Autora

¹ **Maria Eulália RAMICELLI, Profa. Dra.**
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
meulalia@uol.com.br ; meramicelli@hotmail.com

Ler João Guimarães Rosa é algo abençoado (palavra de Mia Couto), algo único. Poder ler esse livro de contos que se aproxima de um livro de poesia, nessa nossa língua maravilhosa é algo fantástico, mas maravilhoso ainda é como esse mestre das palavras a reinventa: é o que significa. Aqueles que estão acostumados com os textos mais longos do autor vão amar também essa obra, ao perceber, como ele consegue ser tão bom num texto longo ou curto, e para aqueles que ainda não conhecem, acho que essa é uma boa porta de entrada. Resumo Na década de 1960, a representação de crianças na obra literária de João Guimarães Rosa sofreu modificações e nela, além de tratar dos meninos, o autor passou a escrever histórias em que protagonistas são as meninas. Esse destaque da mulher quando criança pode esboçar um desenho do novo papel social assumido pelo feminino na década seguinte. João Guimarães Rosa (Portuguese: [ˈjɔ̃ˈwĩˈʁɔzɐ]; 27 June 1908 – 19 November 1967) was a Brazilian novelist, short story writer and diplomat. Rosa only wrote one novel, Grande Sertão: Veredas (known in English as The Devil to Pay in the Backlands), a revolutionary text for its blend of archaic and colloquial prose and frequent use of neologisms, taking inspiration from the spoken language of the Brazilian backlands. For its profoundly philosophical themes, the critic Antonio Candido...